

**Título:**

Tecnologias digitais no Brasil: metáforas pelas quais vivemos, mas preferíamos que não

**Autoria:**

Giselle Martins dos Santos Ferreira

**Resumo:** Ideias relativas a tecnologias digitais no Brasil são frequentemente expressas em termos de metáforas importadas e traduzidas do mundo anglófono. Metáforas, porém, não são meras figuras de linguagens, mas sim poderosas estratégias cognitivas que criam mundos e sujeitos para habitá-los. Este artigo sugere que metáforas relativas à tecnologia sustentam a lógica da Modernidade baseada na ideia de progresso a partir da dominação, a qual apoia a (re)colonização do país, agora, por meios digitais.

**Texto principal**

Uma tempestade perfeita parece estar tomando forma no Brasil. Enquanto um governo de ultradireita reescreve, sem remorsos, a história, diariamente alimentando sua horda de apoiadores com incontáveis absurdos, o controle das reservas nacionais de petróleo e de outras dádivas da terra são silenciosamente entregues a grupos de interesse multilaterais, sem preocupação com o meio ambiente, e sem qualquer ganho para o cidadão comum. Também são negociados, com uma indústria sem fronteira, todos os dados criados nas transações feitas pela internet, de atividades ordinárias como as compras de mercado às trocas de informação pessoal em redes sociais e plataformas de aprendizagem que se tornaram, sem dúvida, uma salvação durante a pandemia da covid-19. Enquanto a pandemia se espalha pelo país, alimentada por negacionismo, cinismo e outras formas de violência, dados se tornam o novo petróleo, adotando sua concepção como a metáfora mais comum em circulação no mundo anglófono.

Mas o que significa ter-se uma metáfora como forma de conceber alguma coisa?

Concepções de senso comum da metáfora tendem a ser, até certo ponto, desdenhosas, até mesmo arrogantes: meras figuras de linguagem, enfeites, na melhor das hipóteses, talvez dispositivos que promovem o obscurecimento das ideias, em alguns círculos acadêmicos. Para ilustrar o caráter reducionista dessas perspectivas, tomemos um exemplo que permanece em uso mesmo sendo terrível (se não é, talvez devesse ser) para as mulheres: a boneca como *vocativo*.

Bonecas têm tradicionalmente desempenhado um papel fundamental no desenvolvimento infantil em todas as culturas. No entanto, sequestradas pela lógica capitalista, terminaram por funcionar como modelos estéticos. Apesar das tentativas recentes da indústria de brinquedos de representar alguma diversidade nos tipos abstratos de beleza que elas (re)apresentam, bonecas passaram a personificar ideais que, ao extremo, sustentam formas terríveis de automutilação. São corpos sem vida que permanecem inertes em um canto até serem arrastados para atuarem em roteiros criados por outros. São animadas, geridas e manobradas por outros. Falam com as vozes de outros. As mulheres-bonecas não têm mente própria: existem para articular, canalizar e servir aos desejos de outros.

Este exemplo ilustra que metáforas são muito mais do que figuras de linguagem. Metáforas delineiam modos específicos de ser, existir e agir no mundo. Embora expressas na linguagem, têm uma base física e apontam para a materialidade: como modos de conceber

as coisas, esboçam possibilidades e limites para o que essas coisas podem ser, como devem se comportar, o que podem fazer e dizer. Nesse sentido, metáforas condensam visões de mundo específicas, iluminando certos aspectos da existência enquanto obscurecem outros, incorporando, assim, ideologia.

Como mulheres-bonecas são criaturas destinadas a um modo de ser desprovido de agência, dados-como-o-novo-petróleo estão fadados a ser uma mercadoria muito lucrativa, embora, como sempre, não o sejam para aqueles que efetivamente os produzem.

Nesse sentido, não é surpreendente que esta não seja a metáfora de dados mais comum encontrada na fala e na escrita brasileira. Em minha pesquisa sobre como as tecnologias educacionais digitais são concebidas no país, três outras metáforas mais gerais emergiram: dados como recurso natural; dados como ferramenta; dados como sujeito. Diz-se que dados brutos são *capturados*, *coletados* e *extraídos*, antes de serem *tratados* e *processados* em operações como *agrupamento*, *referência cruzada* e, curiosamente, *soldagem*. Por fim, dados são *transferidos*, *armazenados* e *explorados*, depositados em *bancos de dados* ou *bases de dados*. Dados também *ajudam*, *apoiam*, *facilitam*, ou seja, personificam um *guia* que *mede*, *avalia*, *prevê* e *incentiva* comportamentos desejáveis.

Algumas afirmações associadas a dados e, de forma mais geral, tecnologias digitais nos empurram para o reino da fantasia: Inteligência Artificial (IA), por exemplo, é equiparada a um poderoso *presciente*, um *adivinho* que pode prever o futuro. A IA baseada em dados torna-se uma entidade com habilidades preditivas devido a uma capacidade assumida de encontrar significado em grandes volumes de dados que não podem ser *processados* por seres humanos. Desse modo, as tecnologias baseadas em dados são concebidas não apenas como sujeitos, mas, mais especificamente, como sujeitos *melhores*, uma vez que os dados são supostamente objetivos (imparciais), abrangentes (oniscientes) e precisos. Dados são considerados seres imateriais que nos conhece melhor do que nós mesmos.

No entanto, é improdutivo falar do mundo digital como imaterial, como alguns comentaristas insistem em fazer, considerando que seus efeitos no mundo são tudo *menos* imateriais. No Brasil, a pandemia em curso desencadeou um grande aumento na adoção, por todos os setores e níveis da educação, por exemplo, dos serviços prestados pelas 'Big 5' (GAFAM - Google, Amazon, Facebook, Apple e Microsoft). Treinamentos e outros tipos de atividades de suporte já começaram a formar um comércio lucrativo em torno dessa adoção, mas pouco se fala sobre o que está sendo efetivamente feito com todos os dados gerados, sobre como privacidade e segurança podem ser garantidas a professores, alunos, e suas famílias e, crucialmente, sobre como a pedagogia é ou pode ser afetada por padrões importados e práticas a eles associadas. Educadores preocupam-se com os tipos de subjetividades que surgirão dessa linha de montagem digital apoiada em (e, talvez mais importante, que apoiam) uma infraestrutura transnacional que escapa a todas as jurisdições.

Em grande medida, as metáforas relacionadas à tecnologia no Brasil são traduções e adaptações (ruins), sobretudo importações do mundo anglófono feitas por meio da indústria que as produz. Somos, assim, colonizados por uma retórica crivada de profecias auto cumpridas que resumem o solucionismo tecnológico: a ideia de que a tecnologia fornecerá a solução para todos os problemas humanos - embora alguns humanos sejam mais iguais do que outros em questões de distribuição e acesso. Como a maioria das tecnologias digitais, as tecnologias que comercializam dados também são tediosamente comercializadas como ferramentas, talvez a maneira mais comum, embora infeliz, de

concebê-las e defender sua suposta utilidade: esta é mais uma metáfora que convenientemente obscurece os vários tipos de preconceitos e concepções inscritos na esses objetos ao longo de seus processos de design, fabricação e marketing.

No Brasil contemporâneo, tudo isso ocorre em um ambiente de fundamentalismo em expansão que dá pouca atenção às desigualdades preexistentes – digitais ou não. Vitórias duramente conquistadas em questões relacionadas a gênero, sexualidade e tratamento de todas as formas de minorias são gradualmente desmontadas por um governo destrutivo que apoia uma “Tia Lydia” local como Ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos. Neste cenário distópico, apesar da lição ensinada pela pandemia sobre o papel-chave dos professores e do que eles fazem, a educação doméstica (*homeschooling*) é agora a “menina dos olhos” de uma elite poderosa que encara, com cobiça, aqueles que procuram ingenuamente por ferramentas para classificar suas diferenças com um maltratado sistema de educação pública.

Big data e IA são, na verdade, apenas os exemplos mais recentes em uma longa sucessão de modismos tecnológicos, suas metáforas consistentes com uma lógica subjacente muito mais antiga: a ideia de progresso por meio da ciência e da tecnologia que apoia o projeto fáustico da Modernidade. Ao defender o poder da ciência para modelar e prever, bem como o potencial da tecnologia para ser aproveitado e transformado em soluções para problemas, esta é uma lógica que comporta um certo tipo de relação com a natureza: a natureza como algo a ser *domado*, *dominado* e, em última análise, *explorado*. Essa lógica permeia outras formas de relações – entre pessoas, entre classes, entre nações – historicamente associadas, por meio de uma genealogia comum, a uma lógica de *controle*. Todas essas metáforas, portanto, compõem um pano de fundo conceitual compartilhado pelo imperialismo, colonialismo e, de forma mais geral, o patriarcado, e dificilmente podem escapar de apoiar a subjugação e a servidão.

A vida política no Brasil parece estar propositalmente retornando o país ao seu status original de colônia de exploração, com dados posicionados como talvez uma de suas mercadorias mais procuradas na geopolítica digital emergente. Já vivemos duas décadas deste século, mas a representação da diversidade do Brasil continua pobre. Certamente, tivemos alguns avanços no sentido de remediar, em particular, a representação das mulheres. No entanto, embora reconheçamos o valor do aumento das taxas de mulheres em cursos STEM, nos negócios e na política, somos confrontadas com um número crescente de feminicídios, enquanto assistimos à promoção nas mídias de robôs antropomórficos femininos, personificações de uma indústria chauvinista.

Identificar e refletir sobre as metáforas que constroem nosso mundo pode ser um caminho a seguir na busca de alternativas à opressão que apoia a marcha tecnológica da Modernidade. A Gretchen de Goethe recusou o convite para interpretar o papel coadjuvante de boneca na (des)aventura de Fausto, mas, ao permanecer fiel ao que lhe era caro, a recusa custou-lhe a vida. À medida que o drama fáustico continua a se desenrolar, ainda que, agora, com uma *fachada* digital, precisamos de novas metáforas e caminhos opcionais para Gretchen e todos aqueles em posições de subserviência. Talvez seja possível que surjam alternativas de reflexão e ação localizadas no meio de uma tempestade em formação.

## Apêndice

## **Comentário**

“Tia Lúdia” é um personagem no livro *O Conto da Aia*, de Margaret Atwood. O romance explora um futuro distópico no qual as mulheres jovens e férteis de classes populares são reduzidas a reprodutoras após uma “revolução” que estabeleceu como norma algumas das mais cruéis práticas patriarcais.

## **Bibliografia**

Berman, Marshall (1982). *All that is solid melts into air. The experience of modernity*. New York; London: Penguin.

Ferreira, Giselle M.S. et al. (2020). Metaphors we’re colonised by? The case of data-driven educational technologies in Brazil. *Learning, Media and Technology* 45(1) pp. 46-60. Available at: <https://doi.org/10.1080/17439884.2019.1666872>.

Lakoff, George & Johnson, Mark. (1980) *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press.